



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## OS LUSO-PORTUGUESES. ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA.

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1889 | Número: 6

---

### Como citar este documento:

CASTRO, Domingos Leite de, Os Luso-portugueses. Esboço de uma história. *Revista de Guimarães*, 6 (3) Jul.-Set. 1889, p. 105-117

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# OS LUSO-PORTUGUEZES

Esboço d'uma historia

(Continuado da pag. 71)

---

## V

### **Os Lusitanos no periodo romano** (206 A. C. a 409 A. D.)

§. 1. OS LUSITANOS E A CONQUISTA ROMANA  
DA **Hispanha** E DA **Celtiberia** (206 a. 151 A. C.)

Vimos já como a população ariana da Italia veio pelo Rhodano, na grande migração ligurica dos seculos xvi e xv, estendendo-se ao longo do Apennino por toda a peninsula. Como em toda a parte onde a raça se estabeleceu, as familias e as tribus dos diversos bandos agruparam-se em cidades, edificadas nos altos, com a sua autonomia propria, unicas unidades politicas durante um longo periodo, a que póde chamar-se do regimen municipal. Este regimen, cuja base foi a religião local, fixada já depois da migração na sua fôrma e condições exteriores e com a variedade correspondente ao isolamento de cada povo, ao mesmo tempo que produzia uma estreita ligação entre todos os elementos sociaes da cidade pela absorpção

completa do individuo na familia, na tribu e por ultimo n'ellas mesmo, cavava um abysmo profundo entre todas as cidades, que não tinham entre si uma relação immediata de origem, o que equivale a dizer-se uma relação religiosa evidente. D'ahi as longas inimisades e as guerras constantes, uma disposição hostil sempre desperta, de cidade para cidade, por assim dizermos quasi desconhecidas, ciosas e naturalmente inimigas umas das outras. Da constituição da religião, privilegio exclusivo das familias antigas e nobres, do augmento por outro lado das classes populares, estranhas ás relações religiosas e portanto sem garantias e sem direitos civis, augmento produzido pelo tempo, pela escravidão dos prisioneiros, pela expansão da industria e do commercio, d'ahi, diziamos, as luctas intestinas e a instabilidade das instituições. As condições sociaes e politicas da Italia e da Grecia, do mundo grego e ligurico em geral, dir-se-hia pois estarem exigindo, sem comtudo poder conjecturar-se d'onde ella havia de vir, a constituição d'uma nacionalidade ou poder superior, que, pacificando os espiritos e consolidando a sociedade, mantivesse a ordem, condição indispensavel ao pleno desenvolvimento do trabalho e da riqueza, ao progresso moral e social; que ao mesmo tempo amolgamasse n'um todo socialmente harmonico as cidades e os povos, que tinham uma origem common, dando-lhes uma unidade politica correspondente á sua unidade ethnica; sob pena de provarem, não o conseguindo, a sua incapacidade para constituirem uma civilização progressiva, que é aliás a característica predominante da raça.

Coube este papel á cidade de Roma. Uma unica cidade conseguiu ligar a si todas as cidades e povos da primeira migração ariana da velha Europa, dominando-os. Como? Aproveitando as circumstancias favoraveis da sua varia origem, que a aparentava com grande parte dos povos conhecidos; pondo a religião da cidade, complexo de religiões varias, ao serviço da sua ambição; negociando habilmente com as facções em que se dividia a população das outras cidades e obstando á divisão da sua com as concessões a tempo e horas feitas pela sua habil aristocracia; fazendo-se o campeão das classes aristocraticas e, por esse processo, ganhando amigos por toda a Italia e fóra da Italia; e por ultimo não cessando nunca de combater e trabalhar, corajosa e obstinadamente, com os olhos postos na sua prosperidade e grandeza futura (Fustel de Coulanges).

Se ha povos de que pôde dizer-se que têm uma missão historica a cumprir, Roma foi o primeiro d'esses povos. Conhecidos os poderosissimos meios de influencia moral de que pôde lançar mão, entendido o processo porque Roma se desenvolveu n'uma sociedade sem cohesão, as phases principaes do desenvolvimento do seu imperio apontam-se rapidamente. Roma fundou-se no seculo viii e avigorou-se com a monarchia, que, deixando de corresponder ás necessidades do tempo, cahiu nos principios do seculo vi. No seculo immediato pôde logo a republica recuperar as forças que perdera com as guerras reaes e domar definitivamente os Sabinos, os Equos e Volscos. No seculo iv impunha ella o seu dominio aos povos restantes do Lacio, os Auruncios, os Latinos e os Hernicos, e impunha-o tambem aos da Campania. A região média do litoral occidental da península era já romana. Senhora do Lacio, da Sabina e da Campania, os seus progressos futuros correm mais rapidos ainda. Na primeira metade do iii seculo cabia a vez á Etruria, ao Piceno e á Umbria, ao Samnio, á Apulia e á Grande Grecia; possuia então todo o centro e sul da Italia e principiava a primeira guerra punica, que havia de durar vinte e tres annos desde 264. Roma tinha já a consciencia do seu destino e sabia preparal-o com tenacidade e prudencia. Na segunda metade do mesmo seculo, vencida Carthago, a sua mais poderosa rival, senhora dos mares, Roma inicia as suas conquistas maritimas, estende-se pelo sul a parte da Sicilia, á Sardenha e á Corsega, e põe o pé na Iberia pelo seu tratado de alliança com Sagunto; pelo norte completa a sua unidade geographica com a Gallia cisalpina e a Istria, braceja para a Illyria, manda a sua primeira embaixada á Grecia. Em 228, como já vimos, celebra tambem o seu tratado com Asdrubal, marcando o limite do Ebro ás possessões respectivas; depois, com a tomada de Sagunto por Annibal, começa a segunda guerra punica e a conquista da Hispanha. Roma caminha desassombradamente para a conquista do mundo, desassombrada mas inconscientemente para a unificação politica e social da sua raça.

Para os Gregos e Romanos do seculo ii a. C., a Hispanha era uma longa faxa de territorio que, partindo dos Pyreneus, seguia o litoral mediterraneo da península até ao estreito de Gades (Polybio, iii, 37), talvez até ao Ana. Para dentro d'esses limites parece ficar, no coração da antiga Iberia, aquillo a que vagamente se dava então o nome de Celtiberia (cf. Idem, iii, 5, 17, etc., e Livio, 28, 1, etc.). Emquanto á região do

poente, á parte virada ao Grande Oceano, essa não tinha ainda denominação commum, porque *a sua descoberta era recentissima* (Polybio, III, 37). Quando mais tarde se começou a distinguir secções diversas n'esse extenso territorio do nascente, a que fica para além do Ebro é chamada a Citerior, o resto a sul do mesmo rio a Ulterior. Estas divisões, que depois se applicam a toda a península com diferentes limites, consoante o progresso das armas romanas e as conveniencias da administração militar, são ao principio talhadas exclusivamente n'esta faixa do litoral. É por toda esta região, banhada pelo mar interior, que se trava a peleja entre os Carthaginezes e Romanos.

218-206. Estes entraram pela primeira vez na península, com um exercito, em 218, desembarcando em Emporias. Antes d'isso tinham os seus embaixadores percorrido a *Hispanha*, mendigando allianças; mas o exemplo de Sagunto em chammas desviara d'elles todas as cidades, embora algumas estivessem *fatigadas* do imperio carthaginez. Agora, dominados alguns povos pela força, contrahidas allianças com outros, os Romanos passam o Ebro no anno seguinte. Continuam descendo, com intermittencias porém, segundo os azares da guerra, bastas vezes infausta para os Romanos. Só tres annos depois se apoderam de Sagunto, a velha alliada, cujo desastre dera origem á guerra, em 214. Passados mais quatro annos de lucta com sorte varia, e já commandados pelo grande Scipião, mais tarde denominado o Africano, os Romanos apoderam-se de Carthagená, a capital dos Carthaginezes na Hispanha; desde então estes cedem constantemente, e, por ultimo, outros quatro annos depois, como já vimos, em 206, os Romanos entram em Gades. Os Carthaginezes evacuum definitivamente a Hispanha, mas os Romanos ficam.

205-194. Não gosarão porém tranquillamente da sua nova provincia. O genio indomavel do hispanhol, temperado ou adquirido na lucta incessante de povo para povo e de cidade para cidade, conforme o estado social em que os encontra a invasão estrangeira; um fero amor pela independencia, que os não deixa consentir n'aquelle jugo odiado e alternado do Carthaginez e do Romano; provocam, logo no anno seguinte, em 205, a revolta de Indibilis em defeza «dos costumes e do culto de seus paes». Suffocada, nem por isso os Romanos terão descanso. Por toda a parte se lhes levantam embaraços ao seu dominio, que têm de vencer combatendo. Cinco an-

nos mais tarde, em 210, é já um grande exercito que precisam dispersar na Sedetania. Em 197 a Ulterior levanta-se em armas; no anno seguinte o proconsul romano é derrotado e morto na Citerior. O consul, mandado em 195 acudir á provincia, pôde dizer aos seus soldados, que a Hispanha estava perdida. A guerra devasta outra vez essa faixa do litoral de léste por onde a invasão começara. Minucio derrota em Turba os generaes hispanhoes Budar e Besaside. Para lá do Ebro, os Bergistanos não deixam proseguir para o sul o grande Catão, rebellando-se por duas vezes na sua retaguarda. Vencidos afinal, o consul dirige-se á Ulterior. Os Turdetanos eram os povos mais pacificos da Hispanha, mas em compensação eram tambem os mais ricos, e tinham contratado um exercito de dez mil mercenarios celtiberos. O consul entra então em negociações com estes, que, parece, vai continuar em Segoncia, e volta a esmagar de novo a Citerior, outra vez rebellada. D'ahi parte para Roma, onde vai triumphar, deixando a Hispanha afinal reconquistada e... pacificada.

193-178. Tão pacificada que no anno seguinte, em 193, rebellava-se de novo. Mas agora os Romanos comprehendem que, para domarem a peninsula, precisam de ferir-a no coração. Essa região do centro, que raros dos seus generaes tinham apenas attingido ou atravessado como fugindo, d'onde sabiam para sul, para nascente e para o norte os grandes exercitos de Celtiberos mercenarios e vagabundos, e onde viviam os povos bellicosos, que eram uma perenne ameaça ao seu dominio, era necessario sem duvida subjugal-a se queriam conservar as suas conquistas do litoral. E elles queriam mais. Já em Roma se não pensava senão no dominio e na exploração de todo o mundo conhecido. Além d'isso, diante da invasão estrangeira e de tantas forças empregadas n'ella, os Hispanhoes podiam aprender a unir-se, obrigados pela necessidade de defeza. A idéa d'uma realza soberana, congregando-os a todos, não lhes era desconhecida. Já não era raro os Romanos defrontarem com exercitos de vinte e trinta mil homens e mais. Em vez de diminuir, as forças da Hispanha pareciam augmentar. Mau symptoma. Este periodo foi pois o que decidiu da sorte da peninsula, embora seja certo que, assim como na conquista do litoral, elle não encerrou a éra das rebellões e das grandes guerras. Bem pelo contrario; mas os invasores firmam-se na Hispanha.

(Celtiberos). Os Romanos, logo em 193, mal podem des-

embaraçar-se dos inimigos que os apertam, caminham direitos ao centro da península. Illucia por um lado, e Toletó por outro, cahem em seu poder. Em seguida cabe a vez a Litebrum, a Noliba e Gusibi, tudo pela mesma região. Em 186 levam as suas armas mais para norte, até Calagure; mas já no anno seguinte, reunidos na Beturia, entre o Baetis e o Ana, combinam o seu plano de campanha e seguem outra vez para a Carpetania, a Hippona e Toletó. Os Celtiberos, que já em 186 tinham conseguido desviar a guerra para norte, conseguem de novo, desde 184 a 182, levá-la para o litoral do nascente e nordeste, á Suessetania, á Ausetania e á Lacetania. Em 181, porém, Flacco volta para o interior, apodera-se de Libora e de Contrebia, devasta a Celtiberia propriamente dita e submete a maior parte das suas cidades, até ao extremo do paiz: «*ulteriorem Celtiberiæ agrum*». Graccho, que lhe succede e a quem estava destinado terminar esta guerra, entra tambem immediatamente na Celtiberia, combinado com Albino, seu collega, que devia marchar contra os Vacceus *pela Lusitania*. Graccho apodera-se de Munda, d'ahi faz uma excursão para Certima, mas volta immediatamente para a Celtiberia, onde toma Alce, Ergovica, etc. No anno seguinte, 178, cabe a vez a Corebia e Complega, e finalmente, depois d'uma campanha notavel por varios aspectos, submete toda a nação dos Celtiberos. N'esse mesmo anno triumphá em Roma dos seus adversarios. No seguinte ainda o senado manda algumas tropas frescas para a Hispanha, mas já em 177 os novos pretores são dispensados de vir á provincia.

(Os Lusitanos). N'esta longa campanha de quinze annos, os povos do interior não se viram sós em frente dos Romanos. Uma nação nova, que se sabia habitar nas suas citanias, pastoreando os seus rebanhos nos montes e bosques a norte do Tejo, cultivando os seus campos e disseminando-se *por toda a Hispanha* em grossos bandos de *salteadores* não mercenarios (Diod. Sic. v, 34), como aliás quasi todos os outros da península e de toda a raça no mesmo estado social, entra agora positivamente no movimento geral contra a invasão estrangeira, e, ao mesmo tempo, nos dominios da historia. Porque tivessem celebrado qualquer alliança com os povos do interior, ou prevessem que os Romanos haviam de levar a guerra ao seu paiz e preferissem desviar-a para o territorio alheio; porque fossem chamados pelos Turdetanos em seu auxilio, ou porque simplesmente acudissem á pilhagem, o

facto é que são os Lusitanos os primeiros que vêm procurar os Romanos, descendo do Occidente sobre os campos da Betica. Aparecem logo no principio do periodo, cuja historia acabamos de fazer a traços largos, de proposito deixando no esquecimento os Lusitanos, porque d'elles queriamos occupar-nos em especial e porque o effeito da sua intervenção consistiu principalmente em obrigar os Romanos a uma importante diversão, entretendo as forças da Ulterior.

O levantamento começou como vimos em 193. Nos primeiros recontros na Citerior a lucta foi desgraçada para os Romanos; na Ulterior a Betica estava tambem em armas. Os Lusitanos tinham-a invadido e auxiliado o movimento de emancipação, combatendo os alliados dos Romanos, com tanta efficacia, que P. Cornelio Scipião teve, logo ao tomar das armas, de reduzir pela força cerca de cincoenta cidades, obrigando-as a porem-se de seu lado. A ultima das que os Lusitanos tinham castigado, saqueando-a, foi Ilipa e no territorio d'esta cidade se deu a primeira batalha entre Romanos e Lusitanos, quando estes iam já em retirada.

Os Romanos eram em menor numero que os seus adversarios; mas estes viam-se embaraçados com a grande quantidade de gado, que tinham apprehendido, e fatigados por uma longa marcha. No primeiro recontro, animados d'um resto de coragem e força, romperam as fileiras dos Romanos; mas pouco a pouco a lucta tornou-se igual, depois os Lusitanos recuaram e por ultimo foram completamente derrotados. Os vencedores perseguiram-os encarniçadamente, mataram-lhes muita gente, fizeram quinhentos e quarenta prisioneiros, quasi todos de cavallaria, e tomaram-lhes cento e trinta e quatro bandeiras. Scipião recolheu a Ilipa com o seu exercito victorioso, carregado de ricos despojos, que elle mandou expôr diante das portas, para que cada um podesse ir lá buscar o que era seu (Livio; xxxv, 1).

Dispersados os Lusitanos, Fulvio, o novo governador, segue para Toledo, talvez em virtude de algum plano concertado com o seu collega da outra provincia, e porque os seus adversarios tivessem ido reunir-se n'essa região do interior, onde se concentrára todo o interesse da guerra. É certo, porém, que na sua retaguarda, alguns povos da Betica revoltam-se de novo no anno seguinte (192), tendo Fulvio de dar batalha a dois exercitos inimigos, de tomar de assalto as duas praças de Vescelia e Holone e muitos castellos (xxxv, 22). Quem aquelles inimigos fossem não nos diz Livio. Sabemos



que Fulvio volta contra os Oretanos e que em 191 parece ter havido socego na Betica; mas já no immediato os Lusitanos percorriam de novo toda a provincia, porque os Romanos vão encontrar-se com elles ainda para além dos seus limites, no paiz dos Bastetanos, territorio da cidade de Lycão, onde, n'uma batalha, « o proconsul L. Emilio perdeu seis mil homens. O resto do exercito, tomado de pavor, encurralado nos entrincheiramentos, defendeu-se com muita difficuldade voltando depois a marchas forçadas, com toda a precipitação d'uma derrota, para as terras dos alliados » (xxxvii, 46).

L. Emilio Paulo era o pretor do anno de 191, que tinha ficado reconduzido. O infeliz general só pôde tirar desforço d'este desastre, se desforço se lhe pôde chamar, no anno seguinte, em 189. Quando estava para entregar a provincia ao seu successor, « reuniu á pressa um exercito, deu batalha aos Lusitanos, venceu-os e derrotou-os, matou-lhes dezoito mil homens, fez-lhes tres mil e trezentos prisioneiros e tomou-lhes o acampamento » (xxxvii, 57). Um exercito reunido á pressa: « tumultuario exercitu collecto », quando o general estava para partir, a decisão de atacar motivada nas infellicidades do anno anterior: « quum priore anno haud prospere rem gessisset », parecem indicar menos a intenção de vingarse, do que a de apresentar-se em Roma com uma victoria recente que o acreditasse. L. Emilio foi mais tarde o vencedor de Perseu. Teria provavelmente as suas forças disseminadas; reunindo-as para esse fim, aproveitaria uma conjunctura favoravel n'um recontro parcial. Sendo exacta esta hypothese, os Lusitanos viveriam, como os Romanos, pelos campos da Betica, guarnecendo ou occupando cada um dos partidos as cidades suas parciaes. É pelo menos essa a impressão que deixa, relativamente a toda a campanha, a leitura de Livio.

A fama d'esta victoria restabeleceu o socego na Hispanha, diz o nosso auctor. De facto os dois annos seguintes passam sem deixar novidade. Parece igualmente certo que os Lusitanos recuam, sem comtudo evacuarem a provincia; porque no immediato, em 186, os dois exercitos inimigos encontram-se de novo, mas agora é já para áquem do estreito, no territorio d'Asta, entre o Baetis e o Iber. É ahí que o pretor do anno de 186, C. Atinio, encontra os Lusitanos; dá-lhes batalha, « mata-lhes perto de seis mil homens, põe o resto em debandada e toma o acampamento. Em seguida põe cerco a

Asta, e apodera-se da cidade, com tanta facilidade como do campo; mas, ao aproximar-se dos muros, com menos cautela do que devia, recebe uma ferida de que morre poucos dias depois» (xxxix, 21). A Atinio succede Calpurnio. D'este não nos conta o nosso historiador recontro nenhum com os Lusitanos; mas já vimos que, reunido na Beturia, para cá de Asta, ao seu collega da Citerior, marcharam depois ambos para o interior, para a Carpetania. Relativamente ao anno seguinte, de 184, diz Livio que os infortunios dos Lusitanos na guerra ultima lhes tinha abatido a coragem e que Calpurnio, voltando para Roma, triumphára dos Lusitanos (xxxix, 42). É portanto legitimo suppôr-se que estes, batidos em Asta, como os dois pretores se ajuntaram, se fossem tambem elles reunir aos Carpetanos, onde os Romanos os derrotavam de novo junto ás margens do Tejo.

D'então em diante os Lusitanos, batidos em successivas derrotas, vão desaparecendo da historia e retirando-se da Betica; mas não completamente. A Calpurnio succedera no governo da Ulterior P. Sempronio. Este em 183 cahira gravemente doente, e os Lusitanos, como os não provocassem, felizmente, «peropportune» diz Livio, ficaram tranquillos (xxxix, 56). No anno seguinte os Celtiberos recommçaram as hostilidades, como aliás succedia quasi todos os annos. Além d'isso a doença de Sempronio relaxára a disciplina do exercito romano, que o general disseminára provavelmente por varias cidades (xl, 1 e 16); mas os Lusitanos não se mexem. Manlio, que lhe succede no governo da Ulterior, e que entrou em Hispanha com um grande reforço de tropas frescas; n'esse anno de 182 limita-se a reunir as suas tropas (xl, 16); mas já do anno seguinte regista a historia que elle alcançara ainda algumas vantagens sobre os Lusitanos (xl, 34). Provavelmente tinham-se animado tarde e a más horas com a indisciplina e a disseminação do exercito inimigo, se é que este não foi provocal-os para pretexto de victorias facéis. Era isto pelo tempo em que Flacco, o general da Ulterior, preludiava com as suas victorias a grande campanha e a prudente administração de Graccho, que tinha de pôr termo á guerra. O collega d'este na Ulterior era Ti. Sempronio Albino. Os dois pretores combinam as suas operações. Albino devia marchar pela Lusitania contra os Vacceus (xl, 47), em 179.

D'este, diziam alguns auctores, que alcançara uma dupla victoria sobre os Vacceus, cujo campo forçara e a quem teria

matado trinta e cinco mil homens; mas Livio acha esta noticia inverosimil, porque Postumio chegára tarde á sua provincia para entrar em campanha este anno (XL, 50). Doujat, relativamente ao anno seguinte, diz que « os serviços de Postumio são menos conhecidos; que elle submetera comtudo os Vaccæus e os Lusitanos, perdendo estes quarenta mil homens » (XLI, 4). Parece a mesma noticia e a mesma incerteza. Averiguado é que os seus amigos do senado não consentiram que Graccho triumphasse só dos Celtiberos, e tambem Postumio triumphou « dos Lusitanos e outros povos da mesma região » (Livio, XLI, VII-11). Certo é igualmente que, apesar de terem vendido caro em preço de sangue a sua liberdade, a Hispanha do litoral mediterraneo e do centro estavam afinal domadas.

177-155. Retirados os Lusitanos para os seus bosques e as suas citanias, provavelmente em tempo de Postumio, pacificado o litoral mediterraneo, assente o dominio romano na região do centro, nem assim a Celtiberia se confessa subjugada. O mesmo acontecera com as primeiras conquistas depois de vencidos os Carthaginezes. De tempos a tempos os Celtiberos levantam-se em armas. Em 174 reúnem-se n'um grande exercito e principiam por um ataque repentino ao acampamento romano. Estes matam-lhe quinze mil homens e a guerra ficou terminada no mesmo dia. Em 170 é o typico general-feiticeiro Olonico ou Salondico, que tinha creado um grande partido, brandindo uma lança de prata, que recebera do céu. Cortam-lhe a cabeça e o seu exercito dissolve-se. Em 168 é a importante cidade de Marcolica, de que o pretor se apodera. Mas isto já não é uma guerra de defeza, nem é ainda uma revolução. São apenas revoltas parciaes, facilmente reprimidas, motivadas tanto no amor da independencia como nos maus tratos dos governadores romanos. O prudente systema de Graccho raros o tinham seguido. Os magistrados mandados de Roma eram em geral como aves de rapina abatidos em bandos sobre a Hispanha. O magestoso senado romano ia-se transformando já, pouco a pouco, n'um magnifico syndicato, que todos os annos mandava ás provincias alguns dos seus membros ou dos seus amigos a locupletarem-se á força de extorsões, para no seguinte lhes vender por bom preço, em moeda d'Osca por exemplo, os triumphos, as ovações, as acções de graças, quando não era a absolvição ou o esquecimento dos seus crimes. Esta transformação das oligarchias parlamentares não é já coisa que nos surprehenda. Alguns dos pretores da Hispanha n'esta época são

verdadeiros modelos no genero. D'ahi em grande parte as rebelliões. D'ahi tambem, e em parte do genio aventureiro dos Lusitanos, os factos a que se refere o Epitome de Livio, acontecidos em 165: «Campanhas, bem e mal succedidas, com os Ligures, os Corsos e os *Lusitanos*» (Ep. XLVI). A nova tormenta prepara-se, mas levará ainda nove annos a re-rentar.

155-133. «Deu-se o nome de guerra de fogo á que Roma fez por este tempo aos Celtiberos. Esta guerra teve realmente um caracter de encarnigamento particularissimo; porque offerece uma série de combates continuos. Na Grecia e na Asia, a maior parte das vezes, uma batalhá, raro duas, põe termo á lucta, e mesmo n'essas tudo depende d'um só momento, o do ataque e do primeiro choque. Mas na guerra de que se trata as coisas tomaram outro feitio. Ordinariamente só a noite suspendia o combate, em que os adversarios não enfraqueciam, nem do animo nem do corpo; e, como se ficassem saudosos do campo de batalha, recommçavam immediatamente novas luctas. O proprio inverno mal interrompia estas eternas hostilidades. Finalmente, se quizermos figurar-nos uma guerra de fogo, não poderemos imaginar outra que não seja aquella de que fallamos» (Polybio xxxv, 1).

N'este periodo, tão doloroso para os Romanos, trava-se a lucta por toda a extensa linha de fronteira das suas possessões, desde o meio do curso do Ebro, pelo 42.º grau de latitude, até ao paiz dos Vacceus; d'ahi, cortando o Douro e o Tejo, até á foz do Guadiana. Em 154, ameaçados ao mesmo tempo pelos Lusitanos e Celtiberos (continuaremos a dar vagamente este ultimo nome ao conjunto dos povos do centro da peninsula), os Romanos anticipam a tomada de posse dos novos consules (Epit. 47), facto excepcional, proprio só das occasiões de grande crise, e as *guerras do fogo* principiam.

(Celtiberos). No principio os Romanos levam a guerra ao mesmo tempo ao paiz dos Coneos, a sul da Lusitania, e ao dos Titthos, Arevacos e Bellos, ás cidades de Segeda, Numancia, Axinio, Ocil e Nergobriga, a nordeste da região central da peninsula. Sublevados os Celtiberos em 154, no seguinte tiveram de bater-se com Nobilior, um general infeliz, que no fim do anno tinha o seu exercito de trinta mil homens reduzido a metade, cortado dos frios e sem mantimentos. Marcelllo, que lhe succedeu em 152, mais prudente e seguro, combateu

com vantagem e ao mesmo tempo foi negociando habilmente, em ordem a pôr elle termo à lucta. Effectivamente conseguiu celebrar pazes com os inimigos, a pezar do senado romano, que mandou Lucullo para a Hispanha com novos reforços. Este primeiro periodo da campanha contra os Celtiberos só muito indirectamente nos pôde interessar; não tanto o seguinte, em que o theatro da guerra se muda para noroeste, nos limites da Lusitania antiga.

O novo general do anno de 151 era pobre e queria enriquecer depressa, desejo aliás vulgar. Como porém, pelo lado do nordeste, estava feita a paz de fresco, aquelles povos eram bellicosissimos, e elle, que tinha vindo com o fito feito na pilhagem, sem ordem do senado e sem motivo confessavel, marcha sobre os Vacceus, atacando Cauca. Depois de alguns recontros com resultado vario, vêm a negociações, em virtude das quaes os Cauceos aceitam uma guarnição romana, á qual Lucullo perfidamente ordena se assenhoreem das muralhas logo que entrem. Feito isto, manda occupar a cidade por todo o seu exercito, sem respeito ao tratado, mette-a a saque e passa a fio de espada os moradores. De vinte mil, que elles eram, poucos escaparam. «Os habitantes dos campos fogem, uns para lugares alcantilados e inacessiveis, outros para cidades mais bem fortificadas, levando comsigo quanto puderam, incendiando o resto que eram obrigados a deixar» (Appiano, VI, 52). Assim ficou «deserta uma extensá região» (Ibid. 53), outr'ora cheia de gente. D'ahi marcha para Intercacia, aonde se tinham recolhido muitos dos fugitivos, e, como os seus habitantes se negassem a recebê-lo, atirando-lhe á cara a sua infamia de Cauca, «devasta-lhes o territorio» (Ibid.). Cercada a cidade, proseguem na lucta com varia fortuna, até que, assolados os campos, carecidos uns e outros de viveres, acommettidos os Romanos de dysenteria, os Intercacios pactuam em condições favoraveis a entrega da cidade, sim, mas ao tribuno Scipião, não a Lucullo, o general indigno. De Intercacia segue para Pallancia, onde outros dos fugitivos de Cauca se tinham tambem recolhido, que Lucullo cubica por ser rica, mas que tem de abandonar com perda a breve trecho, perseguido pelos cavalleiros pallantinos, que o não largam até o fazerem passar o Douro. D'ahi finalmente continúa retrocedendo para a Turdetania, onde estabelece os seus quartéis d'inverno.

Tal era o estado das coisas dois annos depois de principiar a nova campanha. Os Romanos tinham já percorrido toda a

fronteira, com as armas da Citerior, ou combatendo e negociando, ou fugindo. Apaziguados os Celtiberos do nordeste, os Fitthos e Bellos vão brevemente apparecer-nos como alliados dos Romanos. Maltratados estes pelos visinhos da Lusitania, é na faxa occidental da peninsula que vai concentrar-se por alguns annos o interesse da lucta, até que, commovidos os povos do norte e nordeste com a desesperada defeza da Lusitania, entrarão tambem na liga nacional, para afinal cahirem todos definitivamente no abysmo romano.

Vejamos pois o que, pelo mesmo tempo, se passava pela Ulterior, a sul da Lusitania.

D. LEITE DE CASTRO.